

## O Rio de Janeiro Oitocentista



Thomas Ender. Panorama da cidade do Rio de Janeiro, vista do terraço do Morro da Conceição, 1817

Ana Raquel Portugal

Professora de História da  
América – Universidade  
Estadual Paulista (UNESP) –  
Brasil

### Resumo

Nesse artigo tratamos do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro aos olhos de viajantes estrangeiros que nela chegaram durante o século XIX e a retrataram em pinturas e textos, fontes importantes para sabermos mais sobre a população, a urbanística e os costumes cariocas nessa época. Destacamos para esta análise as obras dos artistas Jean Baptiste Debret, Nicolas Antoine Taunay, Thomas Ender e Johann Moritz Rugendas.

### Palavras-chave

Rio de Janeiro; costumes cariocas ; viajantes; artistas; século XIX.

## O Rio de Janeiro Oitocentista

No início do século XIX chegou ao Rio de Janeiro a família real portuguesa e foram abertos os portos brasileiros. Isso fez com que vários estrangeiros chegassem a essas terras curiosos e ansiosos por descobrir esse mundo “exótico” e cheio de diferenças. Entre eles, diversos artistas que se dedicaram a representar a natureza brasileira, o cotidiano e os grupos étnicos. Destacaram-se os pintores franceses Jean Baptiste Debret e Nicolas Antoine Taunay, que chegaram com a Missão Artística Francesa de 1816; Thomas Ender, um pintor austríaco que chegou ao Brasil em 1817, e Johann Moritz Rugendas, pintor alemão que veio em 1821.



Jean Baptiste Debret. Largo do Paço no Rio, 1839



Jean Baptiste Debret. Palácio Quinta da Boa Vista, 1816

Segundo Jean Baptiste Debret, a cidade do Rio de Janeiro melhorou seus edifícios públicos devido à presença da Corte (10). Porém Thomas Ender achou-a de arquitetura rude, embora tivesse alguns belos conjuntos e fosse muito pitoresca. Para ele, as ruas eram apertadas, mal calçadas e sua iluminação eram feita à base de azeite de baleia. A população bastante ruidosa, alegre, de todos os matizes, enchia as ruas de cores, cores estas, que estavam não só na pele, mas nas vestes, nas casas, no céu, nas matas, na terra e tudo cintilando à luz forte do sol dos trópicos (Ender in Ferrez: 9).



Thomas Ender. Igreja da Glória e o Pão de Açúcar, 1817

Esse lado bonito da cidade contrastava com a imundície das ruas e a pobreza do povo. John Mawe chamou a atenção sobre a insalubridade da atmosfera, que favorecia as epidemias. Segundo ele, o fato de haver grande importação de escravos africanos, que eram transportados em péssimas condições, fazia com que desembarcassem enfermos contribuindo para a disseminação de doenças (106).

Mesmo assim, o Rio de Janeiro atraía viajantes estrangeiros que ficavam inebriados logo de chegar à entrada da Baía de Guanabara, local onde costumavam parar antes de aportar para poderem vislumbrar a paisagem carioca com grandes montanhas entrecortadas por belas enseadas. Prova disso é a carta escrita por Charles Darwin a sua irmã Caroline naquele descreveu a magnífica vista que pode contemplar de seu navio alchegar à cidade do Rio de Janeiro em 1832 (Burkhardt; Smith: 219).



Nicolas Antoine Taunay. Entrada da baía e da cidade do Rio a partir do terraço do convento de Santo Antônio em 1816, 1816.

O porto do Rio de Janeiro era considerado o bem localizado do mundo para o comércio geral realizado com a Europa, América, África, Índias Orientais e os Mares do Sul. Conforme palavras de John Mawe parece ter sido criado pela natureza para constituir o elo de união entre o comércio dessas grandes regiões do globo (107). Depois do porto, o local mais notável e freqüentado do Rio de Janeiro era sem dúvida a famosa Rua Direita, hoje chamada Primeiro de Março. Era bela e comprida e pelo seu movimento percebia-se quanto importante era o comércio nessa cidade. O historiador Afonso Taunay refere-se a ela como a viela onde os transeuntes apinhavam-se apesar do forte calor do meio-dia, que nem por isso atrapalhava o movimento comercial (32-266).

No Rio de 1843 havia apenas um lugar de recreio, o Passeio Público, Parque Assaz Bonito, com certos ares de jardim botânico. Taunay conta-nos sobre a realidade do Hospital dos Lázaros em São Cristóvão e dos dois hospícios localizados na Praia Vermelha. O primeiro era limpo e albergava sessenta doentes, dos quais metade eram mulheres. Já os hospícios estavam superlotados; tinham capacidade para apenas 80 pacientes cada um. Taunay achou curioso que a maioria desses alienados fossem negros (228-238).

Por precaução contra os crimes, o Rio de Janeiro era bem iluminado até distâncias consideráveis nos arrabaldes. Depois das nove horas da noite a nenhum negro se permitia circular pelas ruas sem permissão escrita por seu respectivo senhor. Quando algum era encontrado sem o tal papel, a polícia o encarcerava logo, raspava-lhe a cabeça a navalha e mantinha-o preso até que o proprietário viesse retirá-lo da prisão mediante o pagamento de cinco mil réis de multa. O homicídio e a impunidade freqüenteante os crimes eram velhos flagelos brasileiros que causavam aos europeus péssima impressão (Taunay: 356- 380).

A chegada de muitos estrangeiros ao Rio fez que crescesse o número de mendigos nas ruas e alguns recém-chegados tinham que se resignar aos mais sórdidos empregos. Só aqueles que vinham a chamado do governo brasileiro tinham direito a lotes, víveres e alguns recursos para começarem vida nova; por isso era absolutamente desaconselhável emigrar sem trazer algum dinheiro (381).



Johann Moritz Rugendas. Lavadeiras do Rio de Janeiro, 1835

Os estrangeiros que chegaram no século XIX eram em sua maioria cientistas e artistas, por isso davam grande importância à educação e ao cuidado estético. Debret é o primeiro em perceber que as mulheres cariocas apenas aprendiam os afazeres domésticos e as artes manuais. Recitavam as preces de cor e calculavam de memória, pois não sabiam escrever nem fazer as operações. Foi só a partir de 1820 que a educação começou a tomar verdadeiro impulso e os meios de ensino multiplicaram-se de tal maneira que de um ao outro, algumas mulheres puderam manter correspondência em várias línguas e apreciar a leitura como na Europa (Debret: 17). Esteticamente, os cariocas deixavam a desejar. Conforme as palavras de Taunay, os homens e mulheres deixavam crescer imensos cabelos negros e infelizmente, no caso das mulheres, estas os traziam trançados e levantados configurando desgraçados penteados que lhes iam mal à delicadeza do rosto (89).

Os viajantes que eram médicos também deviam ficar bastante indignados com algumas práticas de barbeiros cariocas que eram homens de sete instrumentos, na verdadeira acepção da palavra, porque além da tesoura e da navalha manejavam instrumentos próprios da odontologia e da rústica medicina. Com seus grossos boticões arrancavam dentes a frio, num tempo em que a anestesia longe estava de ser utilizada, e substituíam os poucos médicos existentes na arte de sangrar os doentes e aplicar-lhes sanguessugas expostas, vivas e famintas, nas próprias barbearias em redomas de vidro (Gerson: 47).

Momentos lúdicos como uma ida ao Teatro, também podiam transparecer a falta de higiene que grassava naqueles tempos e que espantava nossos viajantes cientistas. Nos intervalos da peça, as pessoas comiam peixe frito sentindo bem vivo o cheiro dos “tigres” jogados ao mar à noite pelos escravos, pois bem longe estava, ainda, o tempo dos esgotos (27).

O Rio de Janeiro aos olhos dos viajantes estrangeiros era uma cidade cheia de contradições, bonita por natureza, mas fonte inesgotável de análises críticas. Esses homens imbuídos de seus próprios referenciais culturais demonstraram grande preconceito contra negros e mulatos e grande admiração pelas belezas naturais dessa cidade. Não podemos esquecer que seus relatos enfáticos correspondiam à retórica própria da literatura de viagem da época, na que o objetivo era alcançar sucesso no mercado editorial europeu. Não por isso tais relatos se tornam menos importantes para conhecermos um pouco mais sobre o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro oitocentista, pois a estranheza que tais viajantes vivenciaram os fez mais atentos a detalhes que passavam despercebidos à população local tornando esse tipo de experiências fonte valiosa para os estudos sobre o cotidiano carioca.

## FONTES, BIBLIOGRAFIA E ACERVOS ICONOGRÁFICOS

Acervo do Instituto Cultural Itaú (<http://www.itaucultural.org.br>)

Acervo Brasileira USP (<http://www.brasiliana.usp.br>)

BURKHARDT, Frederick H., SMITH, Sydney (Orgs). *The Correspondence of Charles Darwin*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Martins, 1940.

FERREZ, Gilberto. *O velho Rio de Janeiro através das gravuras de Thomas Ender*. São Paulo: Edições Melhoramentos, s.d..

GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Souza, 1954.

MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil principalmente aos distritos de Ouro e do Diamante*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944.

RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d. [1835].

TAUNAY, Afonso d'Escragolle. *Rio de Janeiro de antanho: impressões de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.